

## A NOÇÃO DE PERSONAGEM NAS PEÇAS DIDÁTICAS DE BERTOLT BRECHT

**Edivaldo Batista da Silva (1) Francimara Nogueira TEIXEIRA (2)**

(1) Rua Jaime Benévolo, 654, Bairro Jose Bonifácio, Cep 60050-080, (85) 8612-0938 e-mail:  
divaldo\_tista@yahoo.com.br

(2) CEFETCE, Casa de Artes, Av. 13 de maio, 2081, CEP:60040531, (85)33073670, (85)33073711, e-mail:  
franteixeira@cefetce.br

### RESUMO

A pesquisa em questão tem como objetivo principal investigar as possíveis noções de personagem nas peças didáticas de Bertolt Brecht, a saber: *A decisão*, *Aquele que diz sim*, *Aquele que diz não*, *A peça didática de Baden-Baden sobre o Acordo*, *O vôo sobre o oceano*. Compreendendo que as peças didáticas foram escritas no final dos anos 20 e que constituem um forte instrumento de aprendizagem, no qual Brecht dá forma ao seu teatro, a pesquisa se propõe a enveredar por dois pontos de análise. Metodologicamente, a pesquisa se divide em duas etapas: 1.O estudo teórico das obras selecionadas, fazendo um levantamento de todas as personagens das peças didáticas estudadas e realizando uma análise dramática baseada nas ações das personagens, do ponto de vista de uma composição a partir, apenas, das indicações contidas no texto. 2.A realização prática e experimental desses estudos, feita com alunos e atores, sob um olhar ainda mais investigativo, tendo como base fragmentos das peças didáticas estudadas. O estudo visa não apenas propiciar um aprofundamento no assunto em questão, mas uma investigação sobre pontos que suscitem uma discussão, no campo da formação e criação da personagem nas peças didáticas de Brecht, como um elemento estético-pedagógico.

**Palavras-chave:** peças didáticas, personagem, teatro épico, dramaturgia.

## 1. INTRODUÇÃO

Nas peças didáticas de Bertolt Brecht as personagens surgem como indicações que narram, por meio de coros, suas ações e seus diálogos. A estrutura em que se estabelece as relações parte muito de como está entendida a idéia de personagem e até que ponto essas mesmas figuras, formadas em sua maioria por coros, servem de caminho para a construção da personagem. A pesquisa propõe então, averiguar em determinadas peças didáticas do autor como: *Aquele que diz, Aquele que diz não, A peça didática de baden-baden sobre o acordo, A decisão, O vôo sobre o oceano*, a noção da personagem aí presentes, procurando realizar um estudo da dramaturgia didática de Bertolt Brecht através dos elementos que compõem esses personagens dentro de uma estrutura onde o efeito de encenação esteja a serviço de um objetivo dialético.

A investigação partindo das personagens das peças didáticas tenta recuperar leituras que dizem respeito à função das personagens nas obras didáticas como elemento dialético; objetivando um teatro em que a aprendizagem é sua base. Buscamos com a pesquisa compreender o processo expressivo da cena, tendo nas peças didáticas a base para um estudo teórico e também prático, relacionado ao trabalho do ator, tentando definir a personagem como um elemento narrativo capaz de funcionar sem as estruturas conceituais propostas em outros gêneros dramáticos e dessa maneira se tornar uma ferramenta dialética.

## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

As peças didáticas não apenas revelam um pensamento ou personificam idéias de um dramaturgo como Brecht. Muito mais do que isso elas expõem pontos e projetam discussões a respeito de incontáveis questões. Sua forma de estruturar um possível teatro que atenda a uma função pedagógica, não anula a possibilidades de se ter em mãos uma obra que também seja artística. Quando, a priori, se entende as peças didáticas apenas como uma fase política de Brecht ou somente como uma forma artística, se deixa uma lacuna em toda a obra brechtiana. Isso por que, dentro do que chamamos apenas peças didáticas está toda uma discussão do que seja o próprio autor. Na realização de suas peças didáticas, Brecht se utilizava de novos princípios de construção para cada obra e para a maneira de interpretação dos atores. Trabalhava com a idéia de anulação de uma possível platéia. Fazendo com que os alunos de escolas e alunos de teatro, público com quem trabalhava, atuassem para si mesmos, submetendo-os a tarefa do social como objetivo de toda a obra (BRECHT, 2005).

Era assim que o autor considerava suas peças didáticas: um modelo de atuação, um exercício a serviço da formação e do aprendizado do indivíduo. Exercício que se praticava com a experiência de tornar possível representar processos complexos com o mínimo de condições. Trabalhando os elementos do teatro sem, necessariamente precisar dos teatros, Brecht reconhecia e representava criticamente a realidade com a ajuda da arte e, com isso, se pode observar o desenrolar de um processo de aprendizagem por meio das peças didáticas. “realizar um novo teatro significa proceder a uma *Funktionswechsel* (troca de função) do teatro existente” (KOUDELA, 1991: 12).

A relação de aproximação entre atores e platéia discutida nas peças didáticas como um caso específico por Walter Benjamin (1992) e estabelecida pelo próprio Brecht, é enfatizada segundo a diferença entre as peças épicas de espetáculo e a própria peça didática, onde se estabelece que cada espectador é ao mesmo tempo observador e atuante.

“A peça didática ensina quando se atua e não quando se é espectador (KOUDELA, 1991: 13)”, sob essa afirmação Steinweg parte do princípio de que a peça didática é constituída de uma “regra básica” e de uma “regra de realização”. A primeira se norteia pela idéia de uma atuação sem espectadores, onde os próprios encenadores seriam atuantes e observadores de uma seqüência de ações realizando assim uma análise crítica das atitudes e comportamento. A segunda regra se norteia por padrões estéticos que são válidos para a construção de personagens nas peças épicas de espetáculo. É importante ressaltar que quando se fala em peças didáticas não se está dizendo que sua teoria é apenas uma afirmação complexa de idéias, limitando os escritos teóricos de Brecht. Não se trata de encontrar, por meio de estudos, as possíveis verdades a respeito de uma obra, que constitui, no seu primeiro plano, um modelo que objetiva ativar a relação entre teoria e prática. Quando Steinweg reúne todo o material e reconstrói a teoria das peças didáticas de Brecht, ele propõe um reconhecimento das peças didáticas como tipologia específica na sua dramaturgia, entendendo-a como base para uma prática pedagógica e teatral. O pressuposto, portando de se estabelecer a realização das peças didáticas, segundo Steinweg, é “o ato de se atuar para si mesmo” (KOUDELA, 1991: 23).

Quando o processo que estabelecia novas formas de entender o sistema de aprendizagem começou a se desenrolar nas peças didáticas, então se teve a necessidade de formar, a partir daí, um novo teatro. Antes a serviço apenas da diversão de uma minoria que conseguia ir aos espetáculos, agora o que se tentava, com as peças didáticas, era que esse mesmo teatro, que divertia, fosse capaz também de estabelecer uma comunicação com a coletividade e atender a interesses de ordem política e social. Ora, essa total troca de função foi impossível já que, os recursos técnicos que as peças didáticas precisavam para que realmente acontecesse estavam fora do alcance. A mídia teria que trabalhar a favor de uma pequena minoria se quisesse que os objetivos das peças didáticas, de transformar público passivo em produtores ativos, fossem alcançados. Teria que haver um re-direcionamento dos meios de comunicação para que diante de um poder de alcance rápido e direto, as peças didáticas conseguissem funcionar ao interesse da grande massa.

Mesmo assim Brecht concebia as peças didáticas com o objetivo de interferir na organização social do estado. E concebe sua obra didática em um projeto de pedagogia dividido na “Grande pedagogia” e “Pequena pedagogia”. A grande pedagogia modifica totalmente o papel de atuação; a pequena pedagogia representa apenas a democratização do teatro, permanecendo a divisão entre atores e platéia (KOUDELA, 1991)”. Ou seja, a partir da leitura de uma pedagogia nas peças didáticas de Brecht, o que se teve foi uma divisão na compreensão de um elemento importantíssimo no teatro: o público. A partir de então se pensou o teatro de forma operativa. A chamada pequena pedagogia se detinha a ser o mesmo teatro realizado sem função didática, não havendo em sua forma o interesse em atender um pensamento coletivo, capaz de entender que não mais haveria divisão entre atores e espectadores. Todos fariam parte de um aprendizado comum. Na grande pedagogia toda a função do teatro seria transformada. Ele atenderia, agora as indicações de que o espectador é ao mesmo tempo atuante e o atuante espectador de si mesmo; e que essas formas possibilitariam a identificação com estruturas ideológicas. O espectador, agora visto como atuante, tomaria partido nas situações em vez de apenas se identificar.

### **3. METODOLOGIA**

A pesquisa se divide em duas partes distintas.

#### **1. Fase teórica:**

- a) Levantamento das obras estudadas: A decisão, Aquele que diz sim, Aquele que diz não, A peça didática de Baden-Baden sobre o acordo e O vôo sobre o oceano.
- b) Registro de todas as personagens estudadas nas peças didáticas fazendo uma investigação de sua função dentro do conceito dialético;
- c) Estudo dos pontos conceituais complementares: a personagem, dramaturgia, peças didáticas, teatro épico, conceito de estranhamento, análise de texto partindo da relação ator/ personagem em sua composição, o gesto como signo corpóreo;
- d) Análise dos conceitos que compõem a personagem e sua estrutura enquanto elemento da dramaturgia; partindo de contextos históricos.

#### **2. Fase prática:**

- a). Prática direta com um grupo de atores e um grupo de alunos em momentos distintos por meio das peças didáticas estudadas, analisando de que forma atores/ alunos compõem a idéia de personagem, para dessa forma averiguar as relações que as peças didáticas estabelecem entre o processo criativo e a construção da personagem.

Assim nos propomos a buscar uma possível sistematização para o trabalho com as peças didáticas partindo de pontos distintos como: a idéia do gesto, a ação da personagem, a fisicalidade posta a serviço da personagem, e o texto como indicador da forma e conteúdo da personagem.

### **5. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS**

A personagem constitui no teatro um elemento absolutamente importante para que a camada imaginária da obra se torne, diante do público, real. Sua análise embrionária enquanto elemento de teatro e, diga-se de passagem, indispensável, retorna aos pontos de origem da própria tragédia e comédia ocidental, quando o teatro encontrava-se em narrações orais e coletivas. É a partir da incisão do diálogo que se pode identificar o

primeiro embrião da personagem: o corifeu. Quando o corifeu se destaca entre as narrações e passa a ter vida própria, dá margem para que mais tarde, esses mesmos coros e narrações busquem uma individualidade e assim a personagem surja como elemento base para o teatro.

Podemos então pensar a personagem a partir de três pontos distintos:

- 1) o que a personagem revela sobre si;
- 2) o que faz;
- 3) o que dizem a seu respeito.

O que se pode entender é que a personagem se manifesta por meio de uma corrente de ações que se desenrola durante todo o enredo da história; revelando tempo, espaço, e ação dramática (ROSENFELD, 2000: 98).

Ao se ler uma peça de teatro ou mesmo ao encená-la, se identifica, de imediato, o elemento personagem na obra. A partir de então se começa a cogitar como seria essa figura com traços e sentimentos humanos capaz de provocar na platéia uma reação de aceitação ou negação. A platéia é levada a tornar real suas ações e atitudes, porque elas existem naquele exato momento de apreciação e também porque o teatro, classicamente, trabalha sob o mecanismo da identificação. A ação dramática acontece porque as personagens assim a fazem acontecer. Não só ação dramática, mas todos os elementos que venham a existir dentro da obra só terão sentido se neles existir o elemento personagem. Se pensarmos a obra dramática pelo aspecto da personagem, então estaremos cogitando a idéia de que sempre haverá personagem e que sua ausência implicaria numa ação narrativa ou performativa e não numa estrutura dramática.

Nas peças didáticas de Bertolt Brecht as personagens surgem como indicações que narram, por meio de coros, suas ações e seus diálogos. A estrutura em que se estabelece as relações parte muito de como está entendida a idéia de personagem e até que ponto essas mesmas figuras, formadas por coros, servem de caminho para a construção da personagem. E até mesmo se é necessário haver uma composição, tratando já do trabalho do ator. Acredito que as personagens se apresentem como uma possível idéia do que venha a ser uma personagem naquela determinada situação. Assim como nos ditirambos, nos coros, em que a narração dava espaço a ação, constituindo, dessa forma, a idéia de personagem, nas peças didáticas de Brecht a ação dá vez à narração para destituir o ator da personagem. O que quero, portanto é, dentro dos estudos de algumas peças didáticas de Bertolt Brecht, submeter à discussão elementos sobre uma possível noção de personagem.

A tentativa de criar personagens a partir de, e somente, de indicações, leva a uma apreciação mais direta ao que se está discutindo do que mesmo as próprias personagens. Quando se fala em personagem dentro de qualquer obra de dramaturgia, se percebe uma reprodução de conceitos e formas já estabelecidas que levam o intérprete a criar sua própria estrutura e com isso compor, por meio das indicações que a obra oferece, sua idéia de personagem. Agora, e se dentro dessas questões surgisse um elemento indefinido? Se por acaso a idéia de personagem fosse revista a partir de uma nova função de entendimento da personagem? O que quero dizer é que dentro das peças didáticas de Bertolt Brecht, numa primeira leitura talvez não se possa identificar a personagem.

Segundo Décio de Almeida Prado, “o intérprete não deve encarnar a personagem, no sentido de se anular, de desaparecer dentro dela” (2007: 96). Quando se pensa uma dramaturgia onde personagens se tornam presentes muito mais em sua esfera demonstrativa do que representativa então se pergunta onde está a força dramática da obra já que o elemento conflituoso não se torna presente de fato. Podemos então buscar no sentido literário da palavra dramaturgia um ponto de apoio para uma análise mais esquematizada da questão.

“Dramaturgia: do grego - compor um drama. (...) Drama seria simplesmente uma peça de teatro, um texto par ser encenado, oriundo, outra vez, do grego drama, que significa ação...” (PALLOTTINI, 2005: 13). Ora, se um drama não necessariamente precisa estar ligado somente a questões de ordem conflituosa, mas que em sua essência diz ser ação, então podemos, desse modo, entender que essa ação é desenvolvida por um personagem através do ator e que diante da idéia de ação o que Brecht faz é criar apenas um efeito de personagem; não há uma personagem absolutamente estabelecida, repleta de composições complexas, mas apenas ações que são desenvolvidas e que geram um efeito de personagem, apenas uma noção. Isso bastaria para que o público, se houver, se manifeste de forma ativa. Ora, se não há personagem, mas apenas uma idéia de personagem, então a dramaturgia atende aos interesses pedagógicos.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo que a realização das peças didáticas constitua uma utopia, é relevante ressaltar que não estão reduzidas apenas a experimentos e exercícios, mas se constitui numa discussão posta ao interesse de todos a respeito de um teatro dialético, em que a relação ensinar/aprender é vista como um princípio ativo e a dialética é observada segundo um método de comportamento e pensamento (KOUDELA, 1991).

O que queremos tentar esclarecer é que dentro das peças didáticas de Brecht o efeito da personagem surge separado da própria dramaturgia em questão. A própria idéia de personagem se torna função reveladora da forma didática em que está centrado o tema. Quando Brecht usa na peça didática “A decisão”, por exemplo, o recurso de apresentar as situações que levaram os quatro agitadores a matar o jovem camarada, por meio de personagens que representam a si mesmos em situações que geram uma série de discussões, está mostrando que o que importa não é a forma com que se está sendo fiel à construção ou imitação da personagem, mas a fidelidade com que, apenas com ações que caracterizam a personagem apresentada, os agitadores mostram as razões que levaram a tomar a atitude de matar o companheiro. Ou seja, o efeito da personagem está isolado da própria dramaturgia porque estabelece outras relações que são, nesse momento, menos importantes.

As relações que existem nas peças didáticas entre as possíveis personagens mostram que a função não está em demonstrar como um ou outro personagem passa por situações de conflito, dor ou qualquer outro motivo que as leve a se comportar de forma questionadora, mas é a partir das ações e não da personagem que o público pode se estabelecer como agente ativo da situação e assim o efeito ou a noção da personagem apresentada na peça se constitui como uma função que revela a forma didática de uma dramaturgia absolutamente poética.

A possível noção de personagem que permeia as peças didáticas pode esclarecer pontos da uma dramaturgia de Bertolt Brecht. A investigação partindo das personagens das peças didáticas tenta recuperar leituras que dizem respeito à função das personagens nas obras didáticas como elemento dialético; objetivando um teatro em que a aprendizagem é sua base.

## REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **Escritos sobre teatro**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. 6ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1992.

\_\_\_\_\_. **Tentativas sobre Brecht**. Iluminaciones 3. Madrid: Taurus Ediciones, 1987.

BORNHEIM, Gerd. **Brecht: a estética do teatro**. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1992.

BRECHT, Bertolt. **Estudos sobre teatro**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2005.

\_\_\_\_\_. **Teatro completo em 12 volumes**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

KOUDELA, Ingrid Dormien. **Brecht: um jogo de aprendizagem**. São Paulo: Perspectiva, 1991.

\_\_\_\_\_. **Um vôo brechtiano**. São Paulo, Editora Perspectiva: 1992.

\_\_\_\_\_. **Brecht na Pós-modernidade**. São Paulo, Editora Perspectiva: 2001.

\_\_\_\_\_. **Jogos teatrais**. São Paulo, Editora Perspectiva: 2004.

LEHMANN, H-T. **Teatro pós-dramático**. São Paulo: Cosac & Naify, 2007.

PAVIS, P. **A análise dos espetáculos**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

ROSENFELD, Anatol. **O teatro épico**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2000.

PRADO, Décio de Almeida (orgs.). **A personagem de ficção**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2007.

PALLOTTINI, Renata. **O que é dramaturgia**. São Paulo: Editora: Brasiliense, 2005.

WEKWERTH, M. **Diálogos sobre a encenação**: um manual de direção teatral. São Paulo: Hucitec, 1997.